



livro das ilhas
pedro chiappini

“livro das ilhas” @ pedro chiappini (2020)

projeto, edição e textos *pedro chiappini*

imagens *pedro chiappini & claudete chiappini* (editadas em pixlr.com)

revisão, finalização e publicação *pedro chiappini & lívia costa*

apresentação *christiana nóvoa* (www.novoemfolha.com)

ISBN nº 978-65-00-02582-8

“livro das ilhas” by pedro chiappini is licensed under CC BY-NC-SA 4.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

para Stefania (*in memoriam*)

achei que cresceríamos juntos e partiríamos em tantas viagens sem mapa,
achei que envelheceríamos juntos, fluindo nesse amor que não se acaba;
traduz meu coração em palavra fugaz, minha irmã – por enquanto é o que sobrou de nós –
e me encontra na próxima curva da vida: lá no seu lugar, nosso Mistério, entre tantos sóis

sumário

brevíssima apresentação ... 5

sobre a criação e tantas *poéticas* ... 7

1. arquipélagos ... 10

poemas

2. fogo ... 12

3. terra ... 25

4. ar ... 39

5. água ... 52

6. para um décimo terceiro signo ... 65

7. ilha do farol ... 67

brevíssima apresentação

Pedro Chiappini é um mar cercado de ilhas por todos os lados – um arquipélago de talentos, conhecimentos e referências. Navega entre elas com a desenvoltura de um veleiro, movido por um permanente vento-em-popa, mesmo sob as maiores tempestades.

“quem navega o caos aprende / que pra encontrar seu nome / deve esquecer de todos os portos / de todos os destinos e mapas / e naufragar sozinho, sem ressalvas”

Uma vez náufrago, busca engendrar o próprio resgate, lançando mensagens em garrafas. “só a alegria imaginada salva”

Mas sem perder, jamais, a riqueza das águas profundas: “o que se sagra é só o que sangra”

Quanto à forma, permite-se a liberdade de experimentar variados estilos e ritmos, com/sem métrica, com/sem rima, flertando até com a geometria da poesia concreta.

“viver / é uma aventura, sem mapa / para reencontrar-se / criança”

Sua escrita é urgência diante do fluxo inexorável da vida: “tudo / está escapando / agora”

É um relato de coragem existencial - “precisamos / aprender a não / sobreviver” – e também um manifesto de ousadia artística: “despoesiemos: morte ao centro”

A inteligência aguda de Chiappini nos brinda com pérolas de um pragmatismo contundente:

“o mundo é triste mas, calma, já vai acabar.”

“é possível fugir do sol / à sombra / mas a noite é inescapável”

Entretanto é no espírito que ele nos toca e engrandece com sua sensibilidade oceânica.

“porque uma vez que algo se torna o que é, já penetra o domínio do fim. Viver é um grande desimpulso.”

Ao fim da leitura, sua viagem confunde-se com a nossa própria travessia, da ilha que somos ao continente que podemos vir a ser.

Sou grata ao Pedro por me dar a honra desta apresentação, e mais ainda pela alegria de testemunhar, em primeira mão, seus descobrimentos.

Christiana Nóvoa (30 de maio de 2020)



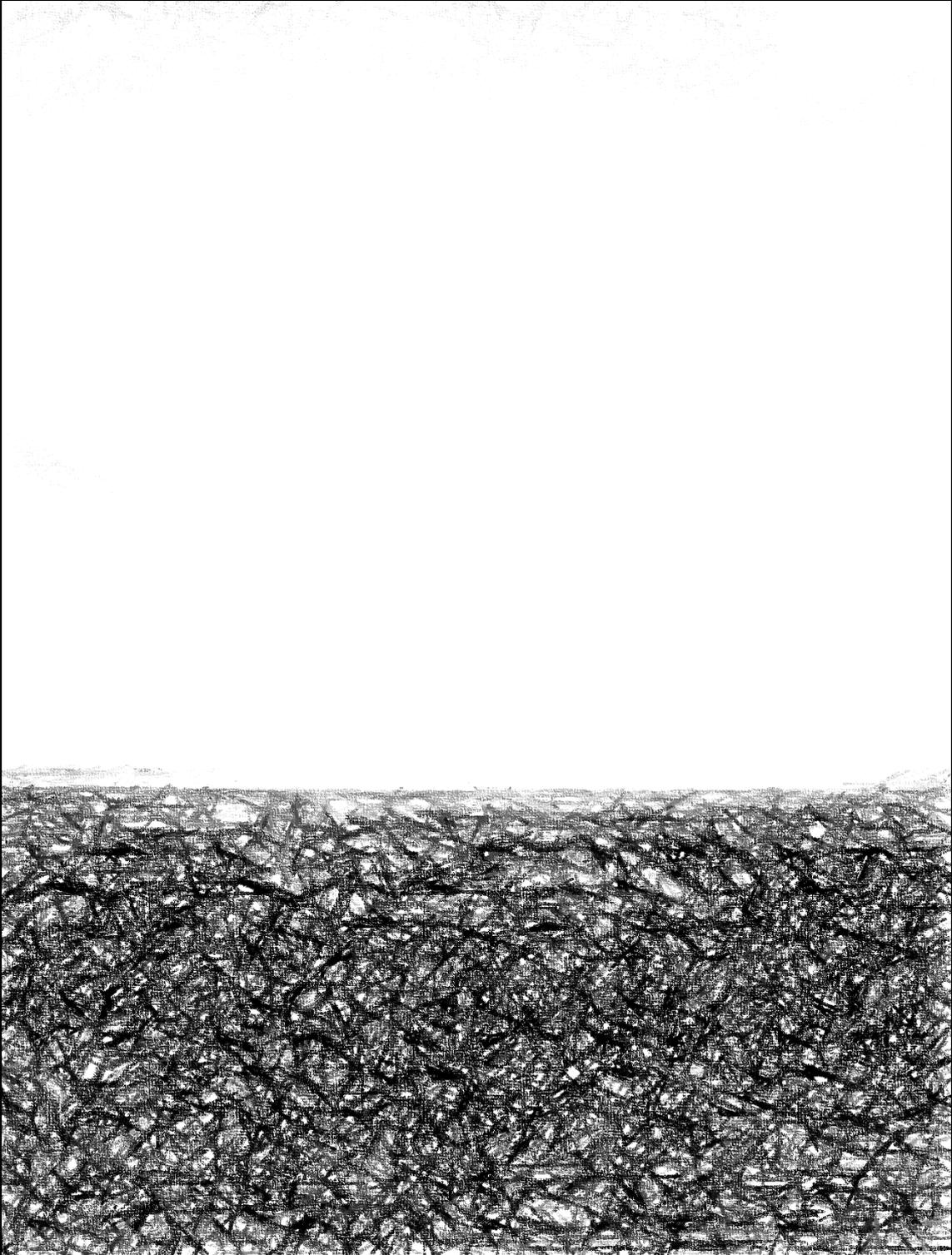
“Olodumare-Olofin vivia só no Infinito,
cercado apenas de fogo, chamas e vapores,
onde quase nem podia caminhar.
Cansado desse seu universo tenebroso,
cansado de não ter com quem falar,
cansado de não ter com quem brigar,
decidiu pôr fim àquela situação.
Libertou as suas forças e a violência
delas fez jorrar uma tormenta de águas.
As águas debateram-se contra as rochas que nasciam
e abriram no chão profundas e grandes cavidades.
A água encheu as fendas ocas,
fazendo-se os mares e oceanos,
em cujas profundezas Olocum foi habitar.
Do que sobrou da inundação se fez a terra.
Na superfície do mar, junto à terra,
ali tomou seu reino Iemanjá,
com suas algas e estrelas-do-mar,
peixes, corais, conchas, madrepérolas.
Ali nasceu Iemanjá em prata e azul,
Coroadada pelo arco-íris Oxumarê.
Olodumare e Iemanjá, a mãe dos orixás,
dominaram e fogo no fundo da Terra
e o entregaram ao poder de Aganju, o mestre dos vulcões,
por onde ainda respira o fogo aprisionado.
O fogo que se consumia na superfície do mundo eles apagaram
e com suas cinzas Orixá Oxô fertilizou os campos,
propiciando o nascimento das ervas, frutos,
árvores, bosques, florestas,
que foram dados aos cuidados de Ossaim.
Nos lugares onde as cinzas foram escassas,

nasceram os pântanos e nos pântanos, a peste,
que foi doada pela mãe dos orixás ao filho Omulu.
Iemanjá encantou-se com a Terra
E a enfeitou com rios, cascatas e lagoas.
Assim surgiu Oxum, dona das águas doces.
Quando tudo estava feito
e cada natureza se encontrava na posse de um dos filhos de Iemanjá,
Obatalá, respondendo diretamente às ordens de Olorum,
criou o ser humano.
E o ser humano povoou a Terra.
E os orixás pelos humanos foram celebrados.”

“Iemanjá” @ “Mitologia dos Orixás” @ Reginaldo Prandi



imaginemos um arquipélago. sua força é o oceano, suas marés e correntezas, que não param de deslocar e alterar os contornos das grandes massas de rochas; e também as chuvas e lençóis subterrâneos, existem e persistem nas pedras como rios, lagos e cachoeiras, que as recortam e transformam em territórios, e por fim em terra. não há vida sem o grande mar, e com ele há terra fértil; as ilhas nunca estão fora desse mar; as ilhas conformam as águas, mas não podem pará-las, não resistem à sua ação no tempo. as formas duras – pedras dos rios, areias dos litorais – e vivas – pequenos seres de uma célula, peixes, anfíbios, répteis e mamíferos – aparecem pelos movimentos água-terra. há toda uma história do arquipélago, configurações territoriais diferentes se dão no tempo: e seguem as forças a criar e destruir as formas; e seguem as formas a capturar, desviar e distribuir as forças. imaginemos um arquipélago. sua história é o espaço-tempo de uma agonística incessante entre o que move e o que estabelece, entre o que tende ao Mistério e o que tende à Revelação



ir

é sempre

uma forma

de não

voltar

se pudesse

ver

o mundo

com os

olhos

de uma criança

veria

o vasto

ou o profundo,

a máquina

ou a dança?

não tinha cabelo
debaixo daquela touca
mas tinha potência
debaixo daquela pele

não tinha tempo,
aquele menino,
mas lá estava ele,
sorriso atento

espremia em cada
m o m e n t o
todos os dias
de uma vida inteira

não me consolem

não me recitem a bíblia cristã:
repeti-la sem vivê-la é uma ofensa

não me receitem pílulas
nem frases de auto ajuda,
não me recomendem viagens
nem tratados de filosofia

a dor é minha, minha, só minha!

não tentem me converter
numa máquina rezadeira
conformada: "deus há de prover",
não crucifiquem minha inteligência

deixem minha dor em paz!

não me internem, não quero colo,
deixem-me ser quem eu sou,
deixem que a dor me enlouqueça!
clareza de quem foi lá e voltou

eu tenho direito a minha dor!

são muitas palavras e receitas
e pesquisas e remédios
e certezas e máximas e crenças
e fugas – andando em círculos

a dor é inescapável: é essência!

deixem que ela se torne raiva,
convulsão, grito, lágrima, poema,
deixem que de dentro dela nasça
aquilo que só no limite a gente cria

a dor é linda, porque é potência!

entendam em seus corações:
é o medo da dor que des espera

se não ha espera, não ha medo!

mEU dEUs sou EU
e a dor é minha
pra gozar
no silêncio e na solidão
da minha im perfeição
de me amar

a vida é o tempo,
a chance,
de procurar
e descobrir o próprio nome

não o do batismo,
do registro,
nos livros
e bits sem sangue ou ritmo

não o da família,
da história,
sempre esquecida
e jamais honra nem glória

também não do desejo,
de um herói
ou bandido;
não é tomado, é dado

nem daquela ideia genial,
de símbolos
ou grandes feitos
jogado no google translator

aprendendo a seguir o curso
com seu frágil leme na mão
e seus pés insólitos na correnteza
quem navega o caos aprende

que pra encontrar seu nome
deve esquecer de todos os portos,
de todos os destinos e mapas,
e naufragar solitário, sem ressalvas

buscar sua alma no abismo
abraçar a ilha deserta que o acolhe
e apenas lá – na última curva do mundo –
distante das flores e dos filhos,
dos amores e dos ritos,
das riquezas e das horas,
das gramáticas e das ilusões,
inventar sua própria língua

a vida é o tempo,
a chance,
de procurar
e descobrir o próprio nome

mundo é lastima,
passa tempos,
passarelas

acaso é vela,
embarcação,
aBarca Terra

medo é mudo,
abismo fundo,
estupidaMente:

criaDor

paixão é mágica,
navegaDor,
transformaDor:

criaCura

cadê a
FALTA
que estava aqui?

ficou alta,
caiu,
tropeçou,
não volta

cadê aquela FALTA
cretina,
aprendida
na escola,
na esquina,
esperada,
civilizada

cadê aquela FALTA
de casa,
comida,
roupa lavada,
carteira assinada,
anel de ouro,
bíblia

jaz,
crucificada
ao avesso,
rendida
ao desejo,
soterrada
junto ao medo

jazz
na madrugada
anuncia:
"sua bandida,
ladra de vida,
vai-te reto
pro abismo

volta pra onde tu veio,
tropeça,
cai
pra cima

que aqui eu
fico,
na terra,
no corpo,
com meu prazer,
meu amor,
minha alegria

tão pequenos, lindos, tudo!
porque
toda coisa que existe
sem você me é divina"

esse momento
que você está vivendo agora,
essa tarde de sábado no rio de janeiro,
nublada
abafada

cheia de pessoas
que vem e vão

cheia de partículas
que brilham escondidas

cheia de bigs e de bangs e milagres

cheia de pele e de petróleo
e asfalto, e coração

cheia de hoje à noite e amanhã de manhã

repleta de futuro
e de infinito

esse momento é único,
todo seu,
não volta,
pode ficar

e é tão grande e poderoso
quanto aquele outro,
perdido mas sempre lembrando,
em que você nasceu

o barro avermelhado dos tijolos,
as caixas d'água azuis,
um branco de vez em quando,
o cinza das parabólicas

arbustos secos quase verdes,
sorrisos pretos quase eles,
o sol de todas as cores esta lá,
por aqui, chuva fina transparente

quem pintou a comunidade,
escolheu a sua palheta,
deu o tom e o movimento,
quem a construiu tão eficiente e séria?

quem vai criar a nova arte,
derrubar as cores caretas,
os muros mudos, libertar o grito:
lançar as poéticas contra as métricas?

a esperança desbotada,
amarela:
rola a bola

só a alegria imaginada salva

a lua
o vento
o corpo
a noite

delírio de beira de praia
e de sexo bandido na escada,
alto e bom som, sangue suor e lágrimas,
o tesão nas palavras empurra os dias
até que a liberdade perturba a apatia
e o amor acorda entre a cruz e a espada

as árvores da rua dançam
na varanda sozinho danço
futuro dança um tango
com o imprevisto
tudo se move e
se pudesse fazer
o que sinto caber
no que busco valer
o que encontro perder
o que não tenho querer
o que não preciso
ganharia a noite
brilharia o corpo
navegaria o vento
gozaria na lua

lanço nos braços do acaso
biografias imaginadas
para qualquer um
trilhas aos montes
cavernas ao centro
desertos da mente
vales e cumes
florestas tropicais
trópicos radicais
águas nascentes
estrelas vadias
auroras boreais
do cosmo ao cosmo
volta ao mundo em 80 linhas
nosso destino é sempre o nosso ponto de partida

(continua)

e o que me disseram que era o amor
não o encontrei,
não é o meu

vago ermo em outro registro,
outra frequência,
não conheço fronteiras

mais do silêncio que do verbo,
do tato que da indiferença,
disseram que era meu: não achei

meu amor nem é meu:
pertence aos leões e às aves de rapina
ao gatos sagazes
ao beija flor
força de todas as terras e todas as línguas:
não flerta com a dor
veloz, vibrante, não toma seu oposto
meu amor nem tem eu

é de lua
de vento
de corpo
das noites que não mais se acabam

poesia pagã entoada enquanto o espaço e o tempo se calam

mar negro
perfume secreto
invade a veia,
litoral e aldeia,
de sonho
fia a teia,
medonho,
vida e meia

noite brilha,
coração estrela
sente o vinho,
amigo do peito,
de poesia
me perco,
alma perdida
inteiro me faço



a fome

alimenta

a criação

trágico

bom ser Dionísio
 por algumas horas
e transar com tudo
 que respira e transborda

tudo que transpira

com as matas
e as virgens
e as madrugadas
e as estrelas

viver é transar com a vida

bom se encontrar de novo
 perdido na estrada,
potência que vem da terra
 concebe apenas a sua própria arrogância,
 criança que sorri enquanto estraçalha um santinho de barro

somos crianças cósmicas
nos dias de uma nova dança:
sem palcos,
sem altares,
sem antes
nem depois

bom ser Dionísio por algumas horas
a realizar uma verdade com todas as forças:
o que se sagra é só o que sangra

do que vale a forma

se não for malhada

malha, se não for

formada do que vale

era um poeta, tornou-se um contador da vida

não faz mais poesia,
elabora relatórios,
introduções,
desenvolvimentos,
conclusões,
resumos executivos,
eficientemente executados,
com gráficos coloridos
e autoexplicativos,
relatórios magníficos

é um contador exemplar:
acorda a contar as horas, dorme a contar as tarefas,
toma notas no celular, listras na caneca do café,
separa as notas pro ônibus, trem, gasolina, adrenalina,
listras na calçada, na camisa, no imóvel vai e vem,
cedo conclui seu relatório do dia

é um contador exemplar,
contador da vida,
um dia escreveu poesia,
cada instante era repleto,
selvagem,
agora acorda, por assim dizer, bêbado de notícias

é um contador exemplar,
relaxa na rede ascendente dos seus investimentos,
suas ações, por assim dizer, toma suas pílulas,
come pratos equilibrados, avaliando seu peso em calorias,
2 beijos na mulher, no filho, meia hora de TV, com fé,
disciplina de fé, sua fé na disciplina

é um contador exemplar,
contador da vida,
um dia escreveu poesia,
cada instante era aberto,
desejante,
agora dorme, por assim dizer, de pijamas coloridas

é um contador exemplar,
entre as 6 e as 20 lhe sobram algumas horas,
contadas, claro, para a máxima produtividade:
to internet with your notebook, to have a little affair,
to earn some money for a gorgeous future, guaranteed,
como seu pai já fazia, e seu avô

é um contador exemplar,
contador da vida,
um dia escreveu poesia,
cada instante era incerto,
vertigem,
agora cada dia, ano, semana se rendem ao seu cálculo feliz

(continua)

era um poeta, tornou-se um contador da vida

não faz mais poesia,
elabora relatórios,
introduções,
desenvolvimentos,
conclusões,
resumos executivos,
eficientemente executados,
com gráficos coloridos
e autoexplicativos,
relatórios magníficos

é um contador exemplar
apenas isso: claro, simples, objetivo

ponto

morto

lua grande
olho da serpente
relógio do infinito
minha guia, lua
era você que eu brincava
nas noites de aventuras inocentes
era você que eu procurava
nas canções das madrugadas
vermelhas
lua rubra
lua sempre nova
envelhece minha morte
renova meu caminhar
me concede a transformação
leva minha vida na tua sorte
lua cheia
lua pura, dura, futura
suspende os oceanos da dor
joga nossa miséria pro céu
desfaz a trama da razão
e me liberta pra um outro amor
lua pequena
bate no meu peito
arranca o sujeito
deixa a escuridão
me recebe e me abre
pras cores improváveis
e se faz o novo chão
das asas de um outro tempo

a cidade é dura
e encobre a terra

soterra a fuga
não sorri, revida

pra que tanta pressa?
pra que tanta competência?

vejo as pessoas passarem em manadas,
vejo as estepes agora desabitadas

e penso: como morrerão,
como morreram,
como morrem todos,
estamos sempre morrendo

menos a cidade

onde esta aquela alma,
que viajava pelas estrelas
na música da madrugada

quebrada, jogada num canto,
de uma vida dura, errada

onde esta aquela criança,
que sonhava com dias grandes
de alegrias livres e inocentes

com seu pianinho no pequeno quarto
compunha as cores de uma nova terra

onde estão aquelas tardes
infinitas em esperança e expectativa
de que o tempo traria a beleza

onde estão as ondas,
os delírios,
as praias brancas,
as florestas vastas,
os lagartos mágicos,
as naves espaciais,
as bicicletas sagradas,
os cães falantes,
os barcos alados

onde está o país das maravilhas
que o coração da criança imaginava

os poemas de caeiro,
as tardes de futebol,
os quadros de van gogh,
os amigos do peito,
as fontes escondidas,
o por do sol nas montanhas,
todas as mitologias íntimas,
aqueles acordes de guitarra,
tantas noites de transe em transe

onde esta aquela alma
que carregava em si uma estrela
que iluminava de belos possíveis
um caminho que mal se esboçava

onde esta aquela alma:
jaz, seca, fria, pesada,
esperando pelo corpo
na qual ela já não caiba

maravilhosa indiferença da natureza

poesia secreta, poesia suspensa

ver a montanha acordar,
o sagui me seguir, o cacto espreguiçar
a ave imponente no topo, sua sombra
dançar

saldar o sol, tudo em tudo
deitar meu corpo no vento
seguir o lagarto, fazer do seu jeito
meu movimento

ver a montanha adormecer
cuidar de nossos dias sem sentido
atravessar a madrugada ilesos
chorar no silêncio da noite:
paixões antigas

peito aberto pra morte

maravilhosa indiferença da natureza

poesia suspensa, poesia secreta

acordar a montanha novamente
eternamente
lá onde ela estiver, não aqui

nunca mais aqui
não ser mais do que uma poesia que se esvai na brisa esquecida
de um tempo porvir

peito aberto pra vida

aranha arranha o teto
teia
tece
tateia
atravessa, reto
o quarto
que incendeia
abaixo
lua cheia
acima
o vento sacode o nervo
movimento, sem hora
de transe em transe passo
cada momento em si demora
o sonho acorda as 22
não pede passagem, se instala
corre na veia muda, circula:
poucos minutos resumem a vida
lá fora o dia colapsa, frio
em vozes distantes e ordinárias
as buzinas, as TVs, os sinos
economias e ecologias na lama
aqui a unha entranha a pele
somos minha pele na tua
a gozo o gozo pede, e pode
vermelha dança da lua
a tudo absorve
lenta
mandala
nus tatua

era uma vez
um menino
que olhava as estrelas

respirava sua luz,
sonhava sua voz,
tocava a potência dos astros,
guiava seus dias pelo céu de outono

via láctea em suas veias

o menino cresceu,
aprendeu a fazer contas,
andar nas ruas retas
e histórias que não viveu

e quanto mais crescia -
contrário ao que imaginava, um dia -
mais longe das estrelas ficava;
até que elas se apagaram

não mais presente,
não mais delírios,
era uma vez um menino

estrela,
que perde a gravidade
e, supernova,
se lança vaga

viver
é uma aventura, sem mapa,
para reencontrar-se
criança

tudo
esta acontecendo
agora.
tudo

tem gente nascendo

tem gente morrendo

tem dor de dente e tem sorriso

tem silêncio, canção e ruído

tem tanta cor que nem lembro

tem abril e tem setembro

tem miséria e muito dinheiro

tem o último e o primeiro

no mesmo
tempo

a máquina do mundo
não para,
visto de perto tudo
é muito
mais

duvido
de qualquer vida ordenada,
ordinária.
duvido!

toda potência
que não seja banal
será marginal:
explosão e decadência

tudo
esta escapando
agora.
empuxo

ele: um eu

estará andando calmamente pela tarde na hora da avenida arborizada

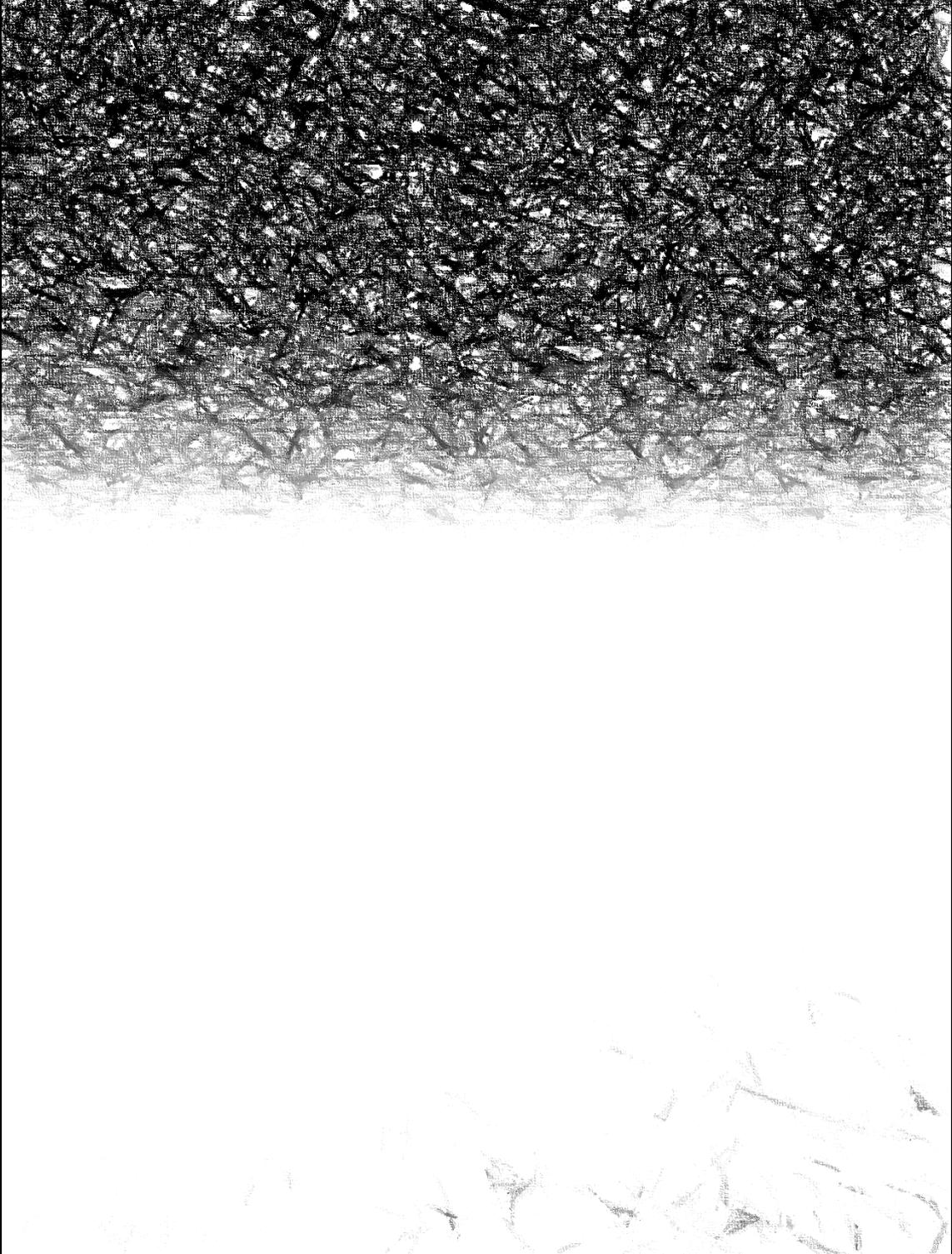
pois eu: um ele

irá

cairá vagorosamente pela tarde, naquela hora exata, uma sacada, inteira

e ele: esse eu

haverá esse dia em que se perceberá



o quanto perdemos
ao ser o que somos
não o que podemos

o abismo

que se estende

entre o desejo

e o presente

por vezes inebria

por vezes é angústia

quase sempre, simplesmente

falta uma parte

de nós

que seguiu na frente

não fosse por essa
invenção
mesquinha
essa tal de moral e bons
costumes
tenho certeza
seria
eterno moleque
e fruiria todos os meus dias
sem férias
a jogar futebol, em todos os
clubes

precisamos

aprender a não

sobreviver

foi de min
a poesia
voou-se
perdeu-se
passarin extraviado
não encontrou nin ainda
foi de min
a poesia
que se quebrou
na vidraça
do vizin
reaça
foi de min
a poesia
e talvez faça
mais diferença
voando solta
que soltando verbos
na gaiola do corpo
foi de min
e que se foda
 muito, demais, tudo, todos
que ame de um amor louco!
arranque as máscaras
enfie o bico na ferida
e onde mais doer
na careta dos fascistas;
mas nunca nunca perca suas asas

nossa casa é lá onde tudo não alcança,
onde o passado que nunca teremos descansa,
onde todos os futuros que já tivemos
jazem

nosso destino não tem terno nem gravata,
nem é de vinho roubado e cerveja barata,
se instala na imensidão de toda flor
nascente

nosso nome é uma quimera de luzes barrocas,
desejo inconcluso de todas as bocas,
síntese de arquétipos indiferentes
selvagem

nosso sentido não é de verão nem de inverno,
é de primavera, nem de céu nem de inferno,
nosso barco carrega todas as almas contra
corrente

esse meio tom. esse cimento
esse ar tão sem oxigênio
essa brisa sem vento
dessa maldita armadilha que chamam de centro

da cidade nada amo, nada quero nada se compara
com aquilo que desejo
tenho medo

não tenho sede, sono sem sonho,
tão frio esse meio tom,
esse cimento,
essa alergia à paz.
esses homens tão sem oxigênio
em seu movimento
sem vida
sua vida nesse lugar que chamam de centro

da cidade nada se ama, tudo se compra
tudo aquilo que é desejo
sem freio

essa maldita locomotiva de meio tom da ambição,
esse meio tom, esse cimento
não se encaixam em mim
não como sucesso
não bebo concreto
sinto sempre falta algo a fazer
não há síntese nesses sentimentos
não há hipérbole nessa liberdade

só gerúndio, cego
sem sujeito ou verbo
infinitivamente impessoal

nesse meio tom não existem bocas
espelhos caminham, a dor que se imagina
sem saída nesse cimento
sem sangue ou despedida
não há sorriso nessa armadilha
não tenho sede, sono sem sonho: no centro estou morto
sinto sempre falta algo a fazer
nessa rima perfeita sem poesia

despoesiemos: morte ao centro

idiotas
miseráveis
humanos!
não sabem que a liberdade é irmã do amor?
amarram-na com anéis e vestidos brancos,
investem no futuro, assinam contratos, fazem casas e planos,
assassinam a liberdade tentando eternizar o amor,
mas o amor É eterno!

tolos
sedentários!
não sabem que o corpo é irmão do prazer?
afastam-no do sol, da pele, dos abismos,
abstraem ao corpo uma alma e um gênero, crentes, espartanos!
assassinam o corpo tentando encontrar o prazer,
mal sabem que ELE os encontraria!

cegos
insensíveis!
não sabem que a vida é a irmã gêmea da alegria?
rebaixam-na ao chamá-la felicidade,
têm com esta alguns passos de uma dança medíocre, logo e sempre perdem-na,
e por todo seu tempo inútil na terra
buscam-na em algum outro lugar, essa agora pequena ridícula,
“lá, onde não há dor ou sofrimento”,
“lá, no céu, no estado ou numa outra existência”
“lá, enfim, no átomo ou no infinito”
assassinam toda vida que poderia existir,
e apenas aí, então em paz, “felizes”, continuam, banais

humanos
“irmãos”, se conclamam, irmãos da morte, eu os nomeio,
não sabem o quão desmedida é a própria vida
em seu jogo indiferente e maravilhoso
de tudo
e de nada

vocês estão com os dias contados
não vão mais esconder, com escárnio,
a canalhice numa hipocrisia arcaica

podem aproveitar os últimos vinhos
e orgias e plenárias e lobbys e máfias
e o cheiro do sangue encomendado

vocês não são mais anônimos
suas bundas estão nas janelas
nos redes, nos softwares livres

seu arquivo não pode ser queimado
vocês não escrevem mais a história
seu ridículo é potencialmente infinito

não adianta pré formatar seus filhos
não adianta mandar dinheiro pra lua
seu poder é um muro de gelo
debaixo do sol de janeiro
derretendo explicito
entupindo veias
e vias e dias
de asco

não sabemos quem ou o que virá
mas temos tanta tanta certeza
quanto $2 + 2$ são 5, não quadrado:
vocês não passarão do passado

músicas errantes da noite
se perdem
flutuam
se encontram
e compõe a noite
lúcida

cantam as cigarras me recortam
espalham pedaços
do que era eu
do que eu era
pedaços navalham

cortam as mariposas me encantam
alimentam corujas que assaltam
seus vôos rasos
sombras de perfumes nostálgicos perdidos
serpentes tomam o céu e capturam
retornam à terra

tecimentos de múltiplos véus esquecidos
penetram nos troncos se enterram
há um caminho além
chegam próximos às superfícies do inverso
e o caos inclui engole conclui desintegram
dispersam o diverso
desmomentam

e eu
que agora já posso me dizer
posso emergir
posso oferecer
posso sentir
me entrego ao óbvio absurdo
pedra flor neblina
da noite errante sou música
me perco
flutuo
me encontro
e a noite recompõe
lúdica

quando as luzes se apagam,
o gosto doce desaparece,
todas as crenças desabam,
a semente plantada não cresce

e precisamos escolher,
sempre num grande agora,
entre a escuridão que assola
e a pequena luz que resiste

fé é algo que se faz
e persiste

deus?
o que ele tem a ver com isso?

aquilo que pode apenas é:
fé cria milagre

quando dei por mim já era hora
a preguiça da manha já havia acabado
aquele longo filme terminava
e eu lamentava pelo vinho derramado

coexistem no caos das lembranças
o ontem e a infância, o nada e um velho
as vezes a ansiedade me mata
as vezes juro que sinto o infinito

falamos, agimos, convictos: palmas!
palhaços pelados num circo vazio
inventamos a ciência e a alma, mas
nenhum de nos sabe pra onde esta indo

me vejo amandos amados
me vejo preso aos meus medos
me vejo aos 12, jardins e sorrisos
me vejo primeiros cabelos brancos

me vejo cuspindo um poema erradio

me vejo cheio de preconceitos
me vejo música, sexo e sonhos
me vejo lagrimas, perdas, naufrágios
me vejo histórias sem roteiros

sinto o tempo, sem escolha, quarento

a vida é tão curta
que de qualquer ponto
em qualquer dia
podemos imaginar seu todo
o que virá
e o passado
no tempo de uma trilha sonora
apenas uma página de um livro
relâmpago em câmara lenta

e quando acordei já estava no meio



o mar:

destino

sem limite

casa aberta

moinho das almas

das pedras a calma

círculo

sem volta

mais um dia,
menos um dia,
tanto faz,
no quarto escuro são todos iguais

se comi frutas,
se espalhei sorrisos,
tudo se vai,
nossas ilusões permanecem reais

fracassos e vitórias,
mais ou menos dinheiro,
deuses, tudo cai,
sobra o pôr sol, e aquilo que não teremos

a mais

rua

noite

nua

dois

luam

suam

são

luem

flutuam

lou

cura

flor da noite
branca e solitária
flor da saudade
achada
pelo acaso
pisada
sem fino trato
sobreviva
conquista meu tato
voa longe
sobre os mares
pro horizonte
recolhe a alegria
e o sentido de tudo
e encontra os sonhos
de quem te merece
que aqui eu fico
por um amor
inesperado
mudo

de número, em número, em número

a vida se contradiz

porque no espaço e na história

- e isso é ela mesmo que diz -

porque na memória

a morte é maior que a vida, e muito

o saldo da vida
são as horas que vivemos
intensamente
sejam de tristeza
ou de alegria
menos aquelas que arrastamos
pra chegar a viver
um dia

um dia
estar tudo tão certo
que sobraria
nada,
em contraria nada,
outro dia
estar tudo tão nada
que não poderia
estar certo,
sobraria tudo,

des encontraria

mas nesse dia,
aquele dia,
nem de tudo, nem de nada,
de não encontrar,
de não sobrar,
incerto,
vem uma nuvem da noite
fria
anunciar:
tudo fez senti(n)do

a gota

que escorre na pedra

seca,

ao secar

vira ar,

ou vira terra,

vive outra,

volta gota

tempos depois daquela

a outra-mesma

chove na montanha

era o tempo das noites loucas
e morrer: uma questão de experiência
e voltar daquelas mortes urgentes, sempre:
estar na beira de toda potência

era uma delícia enganar o tempo
e sentir apenas o que se sente

era o espaço das noites luzes
e correr pelas ruas como savanas
e voar sobre aquelas praias de sensações
afiar na pele o corte da espada

era uma aventura dissolver o espaço
e incandescente gritava pela paixão

buscava aquele último raio de sol
que escapava entre as nuvens de dor e de tédio
buscava a cada gota mais um gole de prazer
quando já não há mais o que gozar,

 aí sim, estamos plenos

quando era aquele alguém: insano iluminado
podia até estar no futuro: um certo hoje pelo desejo é certo
insano, iluminado: comer e digerir aquele alguém
e estar no futuro, enfeitado:

 jamais encontrar o último verso

de repente, numa tarde de semana
de nenhum dia especial,
de nenhum local específico,
todos simplesmente adormeceram

não fazia nem calor nem frio,
nuvens cobriam levemente o sol,
era pouco mais de meio dia
mas não havia antes nem depois

uma melodia implícita conduzia
o silêncio marítimo daquela tarde,
em G e Am e Bm e de volta:
correnteza; e os corpos, barcos

algo se anunciava, estava na cara,
leve brisa se movimentava,
mas naquele momento, de sonhos
apenas uma luz negra se agitava

não sentia fome nem cansaço,
nem obrigação nem pressa,
não pretendia chegar a lugar algum
que não fosse me perder na tarde

e éramos todos um só magma,
e depois catarata imensa e azul,
e asas, de todos os materiais,
do céu ao chão, do norte ao sul

e observando os olhos fechados,
leves sorrisos, mãos no coração,
senti a vida escorrer no fluxo livre:
quanta paz naquela paixão coletiva

os olhos se abriram,
o sonho fragmentou,
o tempo caminhou,
choveram lágrimas

2020: o mundo é triste – do haiti ao japão
da minha esquina aos pólos, ao nepal
nesse mundo triste só os opostos atraem:
os índios vão ficando mais brancos, pálidos; a amazônia vai virando carvão
o mundo é triste: dos notebooks às networks
dos nerds aos yuppies, aos generation x, y, z
e nos blockbusters entendemos o zeitgeist:
time is money, no free lunch, o happy hour e a hora do rush: that's all folks
o mundo é triste: já não cabe em nenhum coração
a pele das florestas queima, nadamos em praias de pet
a áfrica padece de vírus e hipocrisia, o frio domina:
os corpos estão nus de fome e desespero, já não têm mistério, já não tem paixão
o mundo é infinito: não resta nada, nada escapa
a guerra é a miséria são as únicas constantes universais
apenas a dor e o dinheiro abraçam todos os povos
e o futuro que nos espera vacila entre a dúvida e a dívida
o mundo é triste, com certeza, e desafio qualquer um a provar o contrário:
a encontrar um só lugar, um só vento, uma só flor
que não carreguem o cheiro de nossa morte premeditada
o mundo é triste mas, calma, já vai acabar

é possível fugir do sol

à s o m b r a

mas a noite é inescapável

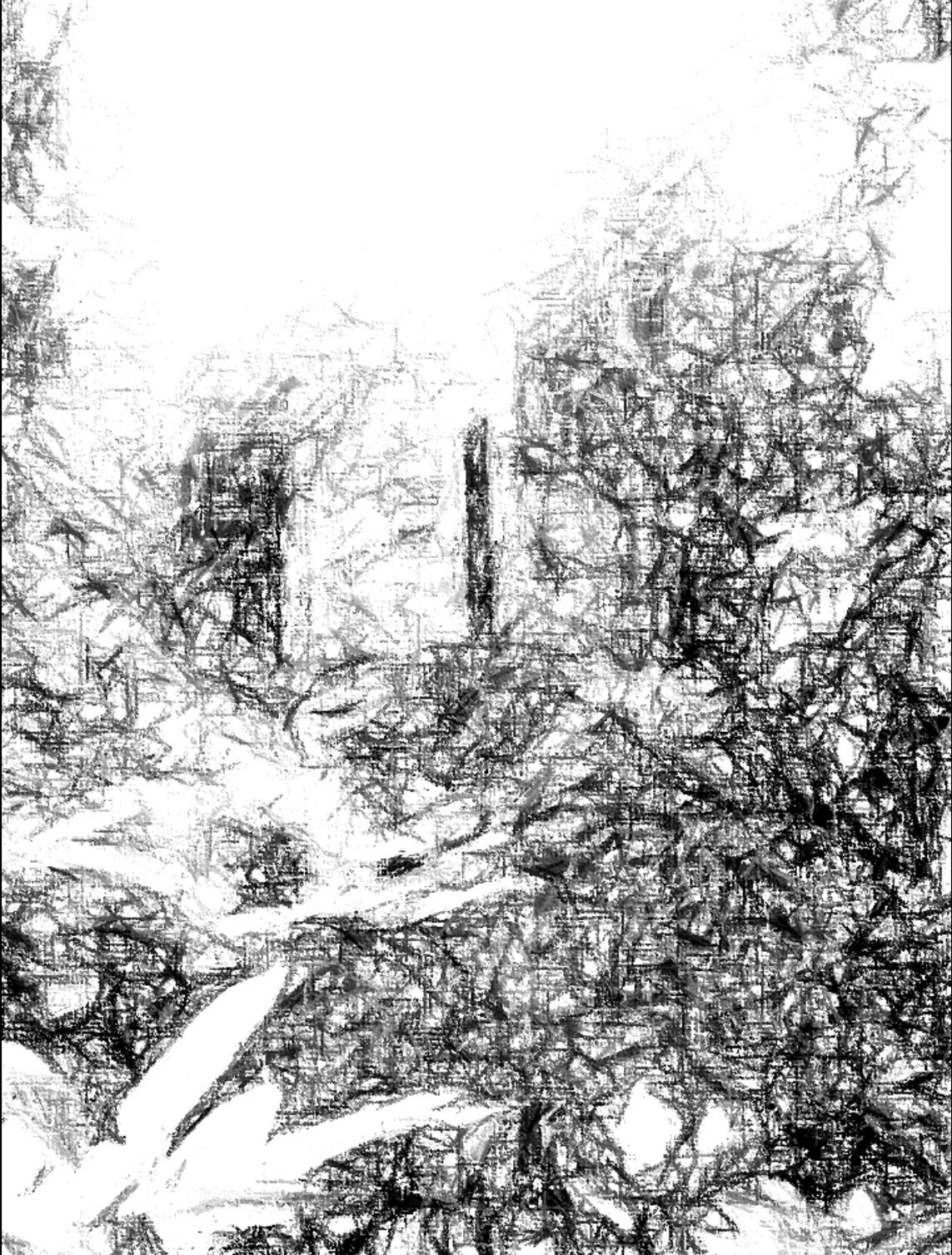


um asteróide acertou em cheio
toda a desesperança da terra
dividiu a humanidade ao meio
trouxe consigo uma outra matéria

entre as nações de territórios
e as tribos de amor sem fronteira,
entre o domínio atual do passado
e a busca de uma nova leveza

entre aqueles que dormem pálidos,
carregando em si cruz e espada,
e aqueles que ouviram o chamado
para superar a grande ignorância

esse asteróide tinha nome e olhos
e luz e calor de uma bela estrela,
jamais esquecerei o seu brilho:
é semente agora, raiz de uma nova era



i

a lua retirou o véu do mar no horizonte e revelou a praia. não há poesia aqui. cheguei há pouco tempo e não sei se aqui é aqui. talvez há algumas horas vim de um lugar nenhum. foi melhor assim. era nada, e não sei se isso ficou. a lua apontou no mar o caminho de volta mas não quero ir. já faz um, dois, três dias que estou aqui nessa areia. a lua despontou e se foi, e o sol, e eles já se encontraram e não chegaram a nenhuma conclusão sobre mim. sem deuses, sem alma, sem forças. já era tarde quando o mar tocou meus pés. havia decidido morrer, levantei, decidi andar. quando os doutores me disseram que era doente da cabeça aos pés – e naquela época mal comia, mal andava, mal existia, tampouco tinha tempo para a solidão e o silêncio – me receitaram muitas terapias: injeções, pílulas, divãs, exercícios, trabalhos, famílias, livros e toda espécie de panaceia. é claro que não funcionaram. mas alguns meses depois estava curado. te conto meu método: para cada injeção, cada pílula, cada divã e daí por diante, um grande dane-se! passo a passo no amanhecer. e vim pra ilha. precisamos recomeçar sempre

ii

o que mais lembro da ilha é o meu coração escancarado. do riacho, do abismo. da pedra, da caverna, do musgo, da flor, do peixe, da cachoeira na montanha que une céu e terra, do poço, do pássaro, e o coração aberto para a mata, e nada mais, a maravilhosa indiferença da ilha. lembro da vida e da morte apenas. de como a vida come a vida. a maravilhosa indiferença, seu poder, suas mil formas, seu código arcano. tenho certeza que estava lá, todo, tudo. e nada mais é tão certo e incisivo. um coração sangrando e a grande floresta diferente, indiferente, indiferentes enfim. depois de oito, nove, dez dias andando pela ilha acordei. descobri que era realmente uma ilha. conclui também que a existência é essencialmente fome. que além dela apenas o medo. eles conversam. mas nada de bem ou de mal. mais alguns dias a fome transformou o medo. não mais o medo da caça, da escalada, da coleta, dos sabores selvagens, nem mesmo qualquer medo da fome, mas um medo de temer: uma espécie de meditação instintiva, uma máquina de comer e de fazer o que é preciso, sempre-agora

lembro que um dia havia sonhado em fundar uma nova religião. de muitas deusas e muitos deuses. de uma só fé na terracorpo. de prazer, de amor, de alegria; nada de bem ou de mal: apenas bom ou ruim. uma religião humana, do fim ao começo, estupidamente humana. nesse dia acordei, era certo ter acordado, mas não era certo quem o fez: não era certo quem eu era. estavam lá minha respiração, meu hálito de barro molhado, todo eu. e aquela luz branca de quem nasce, na entrada da caverna, memória insidiosa. mas nem sequer era eu. foi no pôr do sol daqueles dias gelados que entendi que cronos na ilha corria veloz. que rapidamente o sol alcançava até as mais recônditas raízes quando o dia chegava e essa mesma luz arrasadora banhava os mares de névoa. e os dias eram rápidos, e não mais gelados. também foi naqueles dias que passei a caminhar em volta das pedras que formavam a baía. lá onde a água era sempre azul, o vento era sempre quente, lá onde o lagarto reinava na pedra, onde sorvíamos vapor e água – pela boca e pela pele; lá, onde o tempo era fluxo e o espaço lugar

quanto mais bichos conhecia, quanto mais as tempestades avançavam rumo a qualquer direção, quanto mais as raízes formavam uma miríade caótica de seivas, quanto menos conhecia tudo aquilo, mais me convencia de que cada dia tem sua própria regra, e cada era. mas não é de regras que a vida constrói seu caminho imemorial, é de estar sempre além e aquém: ela arranca raízes imensas fincadas num solo consistente e orgulhoso. porque uma vez que algo se torna o que é já penetra o domínio do fim. a vida é um grande desimpulso. e era simples me alimentar na ilha. a chuva calma escorria pelas folhas das grandes árvores – era quando tinha sede. muitas frutas retornavam ao chão e algumas raízes procuravam o céu, vermelhas pelo lado das colinas, amarelas mais adiante – era quando tinha fome. o chão se alimentava das chuvas, das frutas, das raízes. as frutas se alimentavam do chão, das raízes, da chuva. os roedores pareciam gostar de pequenos insetos vadios. pouco via os insetos comerem senão as frutas, e beberem das folhas. enfim, não éramos muito diferentes

v

um dia à tarde o sol se pôs mais cedo e pensei: aquela palavra que exprime o que sinto, e enfim o que sou agora, não existe, não foi inventada. e há muito já havia trocado a fala pelos dentes e pelas mãos, tão mais solidários à aliança que estabelecemos eu e a ilha. troquei a fala pelos sorrisos com as borboletas amarelas, vermelhas. pelos abraços com os troncos azuis e a areia branca. aquelas delícias. e agora teria que inventar toda uma língua para dizer o que somos. fundá-la em um novo verbo infinitivo, improvável, só meu, só nosso. quando avistei o farol era impossível não gritar. minha língua muda se abriu em uma língua de pedra há muito esquecida. que falasse à pedra! e gritei, e o vento nos uniu quando inventei nossa língua! logo subi no farol e avistei toda a ilha – mas não toda ainda. era a ilha do farol – mas não só. foi bonito ver todos os cantos da ilha. seus pés onde construí minha moradia, seus braços onde colhia as frutas e flores, seu ventre onde costumava mergulhar num doce e perdido acalento. vi também o caminho que levava ao farol – triste tatuagem; mas talvez agora não mais

vi

o farol ficava na montanha do leste. dentro dele havia uma escada, circular, torta, sonora. muitas sombras o habitavam. muitas seivas esguias o preenchiam, verdejavam. como existe vida na pedra! foi fantástico habitá-lo sem prazos; com o tempo, ele habitou em mim. nunca consegui acender o farol, e sabia que um farol precisa acender. quando de um raio de tempestade conseguia fogo, não tinha o que queimar. quando secava, poderia queimar as folhas, mais o calor se extinguiu. mas apesar disso era um farol, brilhava, embora não tivesse luz. tão logo passei a habitar o farol meus sentimentos se alteraram. passei a ouvir melhor o mar, as ondas que ressoavam pelas paredes desde as grutas abaixo; ainda existia poder entre a terra e o mar: podia sentir! seu eco, um poema da solidão: era a pedra viva. passei a ver também que a torre – talvez toda torre – se erguia sustentada por serpentes. e poderia segui-las em suas escavações seculares nas bases do farol. e os insetos que o subiam em busca de ventos gloriosos. e o escuro, sobretudo, e nosso tato agreste, mineral: nossa transa

sobre a caverna onde fiz minha morada havia uma montanha, e do outro lado, descendo, um vale de árvores poucas e altas. quando chovia e caíam raios no vale podia ouvi-los mas não podia vê-los, muito menos ver que partiam e queimavam aquelas árvores. “nós fazemos a verdade”, ouvi alguém dizer um dia: grande besteira. costumava ir até o vale nas manhãs. as árvores estavam lá, destruídas, não precisavam que as visse para que estivessem, desde ontem elas estiveram, desde há séculos: um grande sim!, independente de mim que não sabia. mas algo não pode ser negado: existem muitas realidades. e quando descobri isso acabara de chegar e havia comido aquelas plantas fortes que crescem ao lado de musgos. acho que não estava em juízo. mas algo que também sei é que alguém jamais esteve. mas existem muitas realidades e isso não pode ser negado, cedo ou tarde veria, veremos. e quando assim conclui havia visto a lua nascer tomando pelo menos metade do céu para si, libertando tudo o que quer ser para atravessar o que se é; apenas ali, naquela noite, e não mais depois

mal sabia que à luz da lua o pensamento se encontra com a brisa do mar da noite sob; que sob a luz das estrelas sentir é Sentir! mal sabia que pensar é sentir – e caso fosse um pouco mais claro do que isso nada poderia florescer pois nada restaria a não-pensar. mas sentir é mais. desde que existir na ilha se confundiu com perceber tudo intensamente e constantemente, sei que é apenas me emocionando que poderia ter sido o que fui, o que foi. naqueles sussurros prodigiosos, nostálgicos, lamacentos, soube: existir é sentir. é uma ignorância confundir a determinação com a qual a natureza se renova, a exatidão de seus ciclos, a crueldade e leveza de suas resoluções, a gravidade de suas urgências, com a afirmação de que ela é matemática. o que nos importa não é o número, mais a cor, o som. a ilha não é circular. nada mais pude saber na ilha e nunca menos do que tudo ao mesmo tempo: nunca pude controlá-la e por isso sempre pude vivê-la completamente, deliciosamente. um movimento tão vasto e intenso que não poderia caber em mim caso não me entregasse. um fato vivo!

ao lado do farol havia morros com formas que tomaríamos por humanas. eles apontavam para cima, para os lados, para baixo. com a noite e à sombra de suas luzes, quando tremulavam as árvores em seu topo, vultos dançavam na grama baixa da clareira central. por muito tempo quis saber porque tanto buscamos o céu, porque tanto o elevamos. porque vemos tanto no horizonte quanto mais distante. quando quis e fui aos morros entendi que amar é querer habitar aquilo que tocamos mas não podemos possuir, assim, justamente por quase ter. foi quando comecei a desenhar na areia que percebi a fragilidade do que se cria. pois a água apaga as pegadas na praia. e o fogo – também a traça – devora as palavras no livro. e o vento – também o tronco que cai – derruba a casa na encosta. A vida come a vida e a terra engole a carne. foi certamente quando comecei a desenhar na areia que entendi a fragilidade de tudo que virá. e era por isso que corria pelo entardecer afora, para encontrar aquele lago daquela cachoeira morna como a própria tarde, e nos amar na solidão, ali: um lugar, um prazer

eram poucos os grandes felinos da ilha e podia reconhecê-los como se fossem amigos antigos. com eles inventamos jogos e passávamos dias a jogar. não cansávamos de rir dos tropeços e faltas e encontrões de cada um. nunca houve uma só derrota, sempre vencemos. com as aves também jogávamos. também era divertido, no começo, porém mais difícil, já que não podia voar na mesma altura que elas. precisava trazê-las ao chão e sempre me sentia miserável por fazê-lo. não era mais um jogo, não havia mais alegria, desistimos então. algo que muito me agrada é não ter levado ou precisado de alguma tecnologia para viver na ilha. é insólito pensar que dependemos dela quando passamos a tê-la nos últimos segundos de uma história de anos e anos. milhares de gerações viveram assim como construí minha morada na ilha. eram técnicas não tecnologias os saberes que permitiram ou não a sobrevivência dos povos. eram aqueles de certos saberes, em certas épocas, em certos lugares, na dose certa, e de certa forma que possibilitaram a potência de ser e encarnaram a criatividade da vida

um dia resolvi lembrar toda a história da humanidade – senti um vazio, antes e depois. será para isso que serve a história? e foi fácil fazê-lo, pois existem apenas duas coisas que importam: a convivência e a dominação – esta é aquela que me ensinaram um dia na escola. o tigre, o tubarão, o condor, não dominam sua caça; fazem o que precisam, com uma precisão maravilhosa. os bárbaros nunca dominaram a europa, mas sim os romanos. não há dominação na luta, mesmo na morte, mas no uso covarde da vida, morte lenta, não-vida. vi que os peixes mais fortes seguiam a correnteza quase sempre, exceto quando reproduziam – quando criavam – nadavam cruzado, e isso era efetivo. os conhecimentos novos da humanidade não mudaram a relação entre o pão e a fome, nem mesmo ao pão, muito menos à fome. todas as tradições da história acertaram enquanto saberes e fazeres que produzem efeitos úteis à vida. só pude entender isso na ilha, cuidando-a, lendo-a, na dor, no tempo. erramos quando começamos nossa cruzada pela causa. a sabedoria estão no fazer, dos meios para os meios

era como um transe acordar e ter o sol em minhas mãos. e dançava loucamente. escutava tambores de maré, me embestia de maresia, realmente transava com as correntezas – eu era salgado, e ela doce. e rolávamos sob as mãos dadas do céu e da terra até renascer o sol. num dia antes do sol nascer, adormeci, acordei, adormeci e parecia ter acordei novamente no labirinto da mente que não se acaba. me senti sufocado, torturado pelas névoas da noite, seu frio em meu peito. subi no farol e voei – só me estava voar. não digo que era liberdade, porque se fosse assim não seria. era nada. pela única vez vi o farol acender, chorei de feliz, e morri

foi depois de uma noite de pesadelos táteis e vigorosos que pude contemplar o despertar mais belo dos meus dias na ilha – era de uma leveza ímpar. era primavera pois as flores brotavam rapidamente, a chuva encontrava o sol, os bichos estavam livres e arredios. parece que meu corpo se fundiu ao dia tão logo meu pensamento ficara para a madrugada. e o renascer do sol não foi menos do que um renascer de mim. cada passo que dei então atravessou um oceano,

cada respiração que realizei virou a terra por completo. com meus braços poderia sustentar montanhas e conter cachoeiras em minhas mãos. com minha voz poderia dar nomes a tudo que existe ou simplesmente cantar músicas nunca menores do que a soma de todos os contos e poemas, mitos e lendas. em uma única luz, sempre agora, e mais, e mais. tudo isso não passou de um breve estertor, e mais se expandiu com o tempo e quanto mais tocava a pele da existência. *toda minha vida poderia caber naquele momento*, mas ainda haveria mais. havia me tornado Um, e aquela vitalidade jamais senti novamente até o dia em que subi no farol



livro das ilhas
pedro chiappini